



O TEXTO DRAMÁTICO SOB A PERSPECTIVA DE ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Larissa Minuesa Pontes Marega¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir a percepção de alunos dos anos finais do ensino fundamental a respeito do texto dramático, para compreender particularidades que envolvem a presença do teatro no contexto escolar. O método para geração de dados compõe-se de um questionário aplicado a cento e setenta e sete (177) alunos de 8^{os} e 9^{os} anos de uma escola pública de Maringá-Paraná. O procedimento selecionado nos ajuda a conhecer as vivências dramáticas dos alunos participantes desta pesquisa, isto é, suas experiências como produtores (aluno-dramaturgo, aluno-ator) e receptores (aluno-leitor, aluno-espectador) de textos dramáticos. Para subsidiar as análises, recorreremos a aportes teóricos do teatro que reconhecem a reciprocidade existente entre texto dramático e representação cênica: o texto escrito projeta uma encenação, assim como a encenação se ancora em um texto escrito (CHACRA, 2010; UBERSFELD, 2010). Os resultados deste estudo apontam para o pouco envolvimento dos sujeitos participantes desta pesquisa em atividades que preconizam o fazer teatral. Ainda que raras as oportunidades, as respostas apreendidas do questionário aplicado permitem-nos dizer que: i) ler um texto dramático é prática mais comum que escrever, em ambos os casos, a disciplina Língua Portuguesa é apontada para tal; ii) a oportunidade de ser espectador de peças teatrais é maior que a de participar da montagem de um espetáculo teatral, neste último caso, a ocorrência dá-se nas disciplinas Arte e Educação Física e iii) as apresentações teatrais ocorrem, em sua maioria, para atender determinadas finalidades escolares: socialização entre pais, alunos, professores e direção, atendimento ao calendário letivo (datas festivas) e recurso pedagógico para discussão de temas socialmente relevantes.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Texto Dramático; Escola.

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista da materialidade escrita, o texto dramático constrói-se de modo heterogêneo, a partir de sequências textuais que têm por função contar a história (diálogos) e situá-la (rubricas) aos leitores (sejam eles apreciadores da literatura ou envolvidos com a montagem de um espetáculo – atores, encenadores). As marcas de teatralidade presentes no texto dramático escrito podem auxiliar tanto leitores, no sentido de fazê-los imaginar as ações e os sentimentos das personagens, quanto podem orientar atores e encenadores para os modos de interpretar cada uma das falas. Assim, para discussão que se segue, admitimos, conforme assinala Ubersfeld (2010), a existência de uma dupla acepção para o texto dramático:

- I. Peça escrita para o teatro, de responsabilidade de um dramaturgo e
- II. Conjunto de sinais, signos e símbolos – verbais e não verbais – proferidos durante a realização de um espetáculo – o que os atores dizem e fazem – palavras e gestos.

Para Grésillon (1995), há uma relação de reciprocidade muito estreita entre texto dramático e representação cênica: o texto escrito projeta uma encenação, assim como a encenação se ancora em um texto escrito. Disso decorre o estatuto que lhe é conferido por muitos e do qual compartilhamos: “um texto teatral não é para ser lido, mas encenado em um palco, caso contrário, ele exercerá somente sua função literária” (CALZAVARA, 2009, p.150).

Entendemos, assim, que o texto dramático é projetado para um público-alvo muito específico: os espectadores de teatro. Por assim dizer, o fenômeno teatral edifica-se na correlação entre texto dramático escrito e texto dramático oralizado/representado, pois se destina a uma plateia desde o momento da sua concepção escritural até a encenação. Essa posição é referendada por Spolin (2010, p.241), para quem a plateia deveria ser o membro mais reverenciado; segundo a autora, “sem plateia, não há teatro”.

Nessa direção, Peixoto (1986) assinala que entre ator e plateia existe a consciência de uma cumplicidade fundamental para existência da representação cênica: ambos se reconhecem como participantes de uma farsa ensaiada, que procura imitar a realidade. Segundo Chacra (2010), tal cumplicidade é gerada pela ilusão do teatro – realidade de palco ou o “como se” e suas convenções. Somente juntos – ator e espectador – podem constituir aquilo que se chama teatro. Com enfeito,

A imagem de que existe um cordão umbilical que une o ator ao espectador nos parece adequada, pois aquele vive e respira através deste, durante o ato da representação. Todos os esforços despendidos pelo artista – ensaios, técnicas, memorização de textos

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). larissamarega@usp.br



etc. – têm como meta a conquista de um momento, que começa com a chegada do público e termina quando ele se vai. Cabe ao espectador recriar no seu interior aquilo a que assiste. Agora, há a inversão do cordão. É o ator, através do seu desempenho, quem alimenta a presença e a imaginação da assistência. Nota-se, então, que um necessita do outro para existir. Se uma das partes não comparece ao teatro, não há espetáculo (CHACRA, 2010, p.84).

Tendo em vista essas considerações, colocamos à cena acadêmico-científica a discussão da presença do teatro no contexto educacional, a fim de compreender particularidades que envolvem sua versão escolar. Conduzimos, assim, uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa em torno das percepções que alunos dos anos finais do ensino fundamental têm em relação ao texto dramático: se já leram, escreveram, assistiram ou encenaram peças teatrais. Para tanto, elaboramos um questionário aplicado a cento e setenta e sete (177) alunos de 8^{os} e 9^{os} anos de uma escola pública de Maringá-Paraná, que explicitamos a seguir.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O procedimento metodológico adotado correspondeu à elaboração de um questionário, do modo como propõem Lüdke e André (1986), contendo sete (07) questões, em que se solicitava assinalar “sim” ou “não” e, em caso afirmativo, complementar a resposta. As questões objetivam saber se o aluno já assistiu a uma peça fora ou dentro da escola, se já participou de algum teatro na escola – e em qual disciplina–, se já observou peças teatrais no livro didático, e se já leu e/ou escreveu alguma peça.

É válido destacar que, no questionário proposto, não indicamos campos específicos para complementação de dados pessoais, tais como nome, idade, sexo, já que não constitui interesse desta pesquisa a correlação entre informações desta ordem e respostas dadas pelos alunos. Desse modo, procedemos à identificação dos questionários a partir da utilização da sigla QA (Questionário para Alunos), acrescida de um número correspondente, por exemplo, QA: 001.

A Assessoria de Língua Portuguesa do Núcleo Regional de Educação de Maringá direcionou a escolha da instituição pública que participaria desta pesquisa. Nesse sentido, foi sugerido o Colégio Estadual Rodrigues Alves, uma das instituições públicas mais antigas da cidade de Maringá; é, também, uma das maiores escolas da cidade, atendendo, em média, mil e cem (1.100) alunos nos turnos da manhã, tarde e noite. Segundo a coordenadora pedagógica, o Colégio atende alunos de classes mais populares, caracterizando-o, assim, como uma instituição de periferia.

Com o consentimento da Direção e da Coordenação da referida instituição, no mês de maio de 2013, conduzimos a aplicação presencial do questionário supracitado às turmas de 8^{os} e 9^{os} anos. Participaram desta pesquisa cinco (05) turmas de cada uma dessas séries, distribuídas nos turnos da manhã e da tarde; ao todo, cento e setenta e sete (177) alunos responderam ao questionário. No momento da aplicação, os procedimentos foram:

- Apresentação da pesquisa e da universidade na qual se filia.
- Convite à participação voluntária dos alunos.
- Explicação do formato do questionário e indicações de como respondê-lo (não identificar-se, completar a série correspondente, escrever à caneta e responder às questões individualmente).
- Indicação de como proceder em caso de dúvidas.
- Indicação de como proceder quando terminar de responder o questionário.
- Agradecimento ao professor da turma pelo tempo concedido e aos alunos pela participação.

Para a quantificação das respostas apresentadas pelos alunos, consideramos apenas aqueles que estavam presentes no dia da aplicação do questionário, conforme indicamos na Tabela 1, no item “adesão (%)”:

Tabela 1 – Adesão ao questionário

	8 ^o A	8 ^o B	8 ^o C	8 ^o D	8 ^o E	9 ^o A	9 ^o B	9 ^o C	9 ^o D	9 ^o E
Total de alunos	27	28	19	21	19	31	34	24	25	25
Presentes	14	17	12	18	17	23	22	16	18	20
Adesão (%)	52%	61%	63%	86%	89%	74%	65%	67%	72%	80%

Tendo em vista essas considerações, passamos a discutir os resultados apreendidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O encaminhamento das análises decorre da seleção de cinco (05), do total de sete (07) questões que compõem o questionário, em razão de se querer observar o conhecimento que os alunos têm a respeito do texto dramático, do ponto de vista da experimentação de práticas que o envolvem. Em outras palavras, a interpretação



dos dados realizou-se a partir do agrupamento das respostas dadas pelos alunos com base nos papéis que eles podem assumir no contexto de produção e recepção do texto dramático (escrito e oralizado), quais sejam: a) *Aluno-leitor*, b) *Aluno-dramaturgo*, c) *Aluno-espectador*, d) *Aluno-ator*.

Cabe destacar que as cinco (05) questões selecionadas para discussão desses itens (a), (b), (c) e (d) não aparecem ordenadas conforme constam do questionário aplicado aos alunos; elas foram ajustadas de acordo com a informação que procuram apreender. Para tanto, apresentamos os resultados em gráficos organizados de forma a indicar o enunciado da questão, as séries participantes (8^{os} e 9^{os} anos, turmas A, B, C, D e E) e o percentual de alunos que responderam afirmativamente aos seguintes tópicos: se leram, escreveram, assistiram ou fizeram parte de peças teatrais. Reiteramos que o questionário solicitava assinalar “sim” ou “não” e, em caso afirmativo, exigia uma complementação à resposta dada. Por esse motivo, trazemos para discussão, também, os excertos que atendem a esse pré-requisito.

O item (a) objetiva conhecer se os alunos participantes desta pesquisa já leram peças teatrais.

a) *Aluno-leitor*

Para discussão desse item, selecionamos a Questão 06, que busca realizar uma sondagem em torno da experiência que os alunos têm com a leitura de peças teatrais. O Gráfico 1, a seguir, apresenta os resultados obtidos com as respostas:

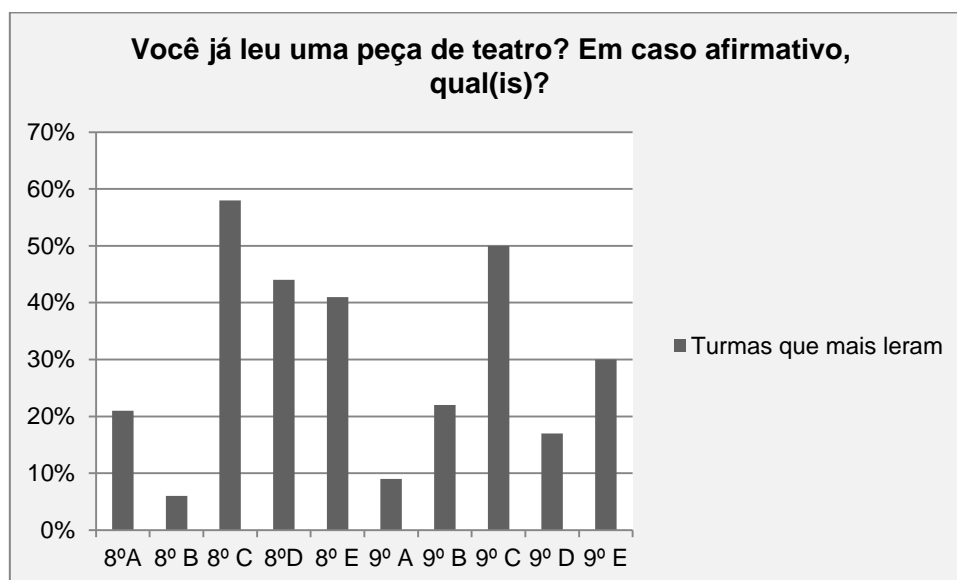


Gráfico 1 – Resultados da Questão 06

Entre as duas séries que participaram do questionário, constatamos, de início, que os alunos dos 8^{os} anos afirmaram ler mais peças teatrais que os alunos dos 9^{os} anos. A partir da observação do Gráfico 1, é possível verificar, também, que a turma do 8º ano C, cinquenta e oito por cento (58%) dos alunos, foi a que mais se destacou nesse sentido, seguida da turma do 9º ano C, cinquenta por cento (50%). Com exceção dessas duas turmas, os outros resultados apontam para menos da metade de alunos que disseram ter lido peças teatrais. Quanto às turmas que menos leram, temos o 8º ano B, seis por cento (6%), e o 9º ano A, nove por cento (9%).

Da totalidade dos alunos questionados, cento e setenta e sete (177), apenas sessenta e três (63) afirmam ter lido uma peça teatral. Quanto a estes que leram, a maioria diz não se lembrar do título do texto. Os poucos registros que indicam complementação da resposta apontam para exemplares de William Shakespeare e de Maria Clara Machado: QA: 034 – “Na biblioteca da escola tem vários livros teatrais, o que mais gostei foi o livro *A bruxinha que era boa*”, QA: 062 – “*Romeu e Julieta*”, QA: 110 – “*Sonho de uma noite de verão*” e QA: 167 – “*A megera domada*”. A resposta dada por QA: 034 permite-nos dizer que o acesso a livros de teatro é viabilizado pelo acervo da biblioteca da escola. Observamos, ainda, que os títulos das obras citadas pelos alunos retomam o cânone literário, William Shakespeare, por exemplo, (QA: 062, QA: 110 e QA:167). Esse dado leva-nos a refletir a respeito da versão escolar do texto dramático, pois a seleção do texto de referência consiste de uma escolha muito particular: os clássicos da literatura.

Os resultados da Questão 06 possibilitam-nos afirmar, também, que a leitura de peças teatrais não nos parece uma atividade recorrente nas séries finais do ensino fundamental da escola participante desta pesquisa, pois cento e catorze (114) alunos disseram não ter lido um texto dramático. Isto leva-nos a pensar que esses alunos não tiveram oportunidade de ter contato com a estrutura composicional desse texto.



É válido mencionar, nesse sentido, o posicionamento de Koch e Elias (2012), estudiosas da linguagem, para quem a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos componentes linguísticos presentes na materialidade textual e na sua forma de organização. Segundo as autoras, na concepção interacional da língua, “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH; ELIAS, 2012, p.10-11).

No caso da leitura de um texto dramático, ao assumir a posição aluno-leitor, entendemos que há a possibilidade de os alunos observarem a organização do texto e encontrarem componentes textuais de representatividade, as rubricas, por exemplo, que apontam para os modos como os atores podem falar ou agir – componentes tão importantes para compreensão dos sentidos do texto, em sua relação fala-escrita.

No próximo item (b), buscamos verificar se os alunos participantes desta pesquisa tiveram a experiência de escrever uma peça de teatro ou parte dela (cenas).

b) Aluno-dramaturgo

Os dados que nos possibilitam discorrer a respeito da posição aluno-dramaturgo, isto é, alunos que, de algum modo, tiveram a oportunidade de escrever peças de teatro (ou cenas), foram apreendidos da Questão 07. Apresentamos, no Gráfico 2, a seguir, os resultados obtidos com as respostas a essa questão:

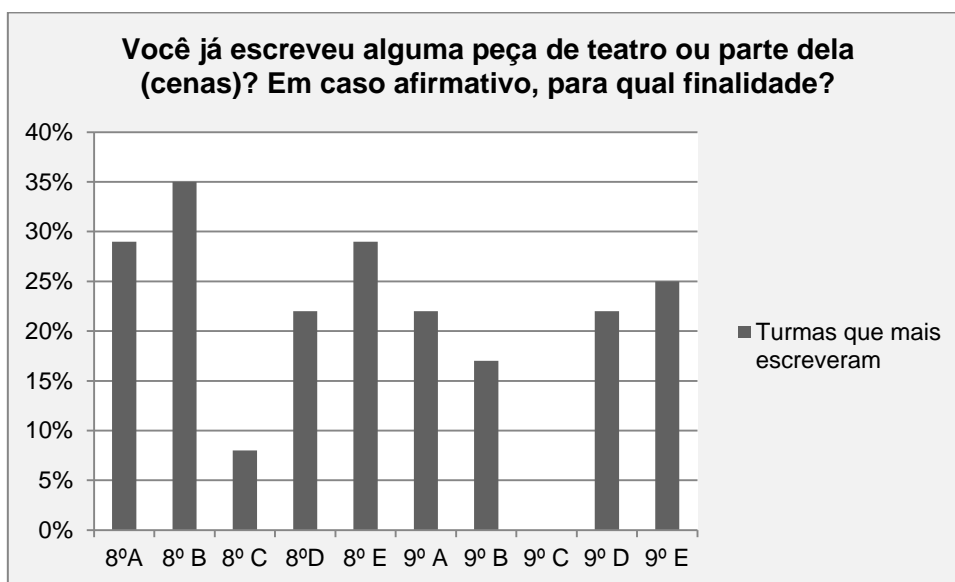


Gráfico 2 – Resultados da Questão 07

Diante do exposto, é possível observar que, novamente, as turmas de 8º ano participaram mais de atividade de produção escrita de peças teatrais (como também ocorreu na atividade de leitura) que as turmas de 9º ano. Verificamos, ainda, percentuais muito baixos em relação à escrita do texto dramático, em geral, inferiores a 35% (8º ano B), chegando a 0% (9º ano C).

A maioria dos alunos, cento e trinta e sete (137), afirmou nunca ter escrito uma peça teatral ou parte dela. Para os demais alunos que assinalaram a opção “sim”, havia um campo destinado à complementação da resposta, indicando para qual finalidade teria feito a produção textual: “1-Atividade Cultural”, “2-Aula de Português”, “3-Aula de outra disciplina” e “4-Outra(s)”. A maioria dos alunos, quinze (15), assinalou a opção 1, “Aula de Português”, as demais opções foram assinaladas de modo bastante equilibrado. Quanto à opção 4, não foi possível recuperar em qual disciplina os alunos poderiam ter realizado essa atividade, nem tampouco saber quais seriam as outras finalidades atribuídas para essa produção, pois os alunos não complementaram a resposta.

Ainda que um número reduzido de alunos tenha participado da atividade de escrita de uma peça de teatro (ou parte dela), é significativo destacar que essa atividade foi realizada, para a maioria deles, na aula de Português. Com isso, podemos entender que, no contexto escolar, escrever peças teatrais relaciona-se, de algum modo, à disciplina Língua Portuguesa. E mais: se compararmos os resultados da Questão 06 com a Questão 07, podemos entender, também, que as atividades em torno do texto dramático estão mais associadas à leitura que à escrita.

Passamos discutir o item (c) e observar questões voltadas para a possibilidade de os alunos terem assistido a peças teatrais fora ou dentro da escola.



c) Aluno-espectador

Os dados que comportam esse item foram extraídos das Questões 01 e 02. Por meio da primeira questão, buscamos identificar se os alunos já haviam assistido a peças teatrais fora do contexto escolar, em um teatro da cidade, por exemplo; na segunda questão, procuramos observar se os alunos tiveram essa experiência dentro da escola. Os resultados obtidos com a Questão 01 estão dispostos no Gráfico 3, a seguir:

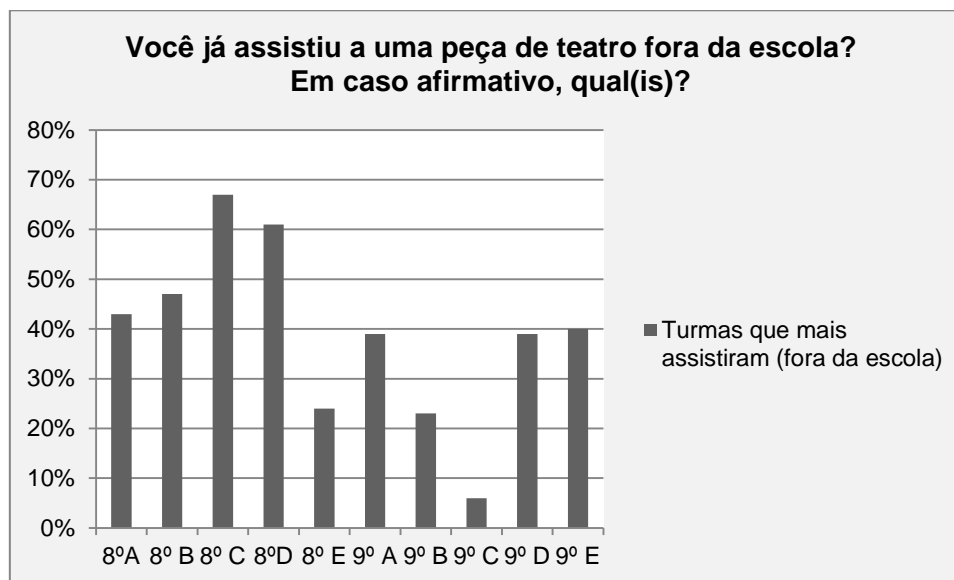


Gráfico 3 – Resultados da Questão 01

Os resultados das turmas dos 8^{os} e 9^{os} anos parecem mais equilibrados, se comparamos as práticas de produção de leitura e escrita de peças teatrais à prática de assistir a peças de teatro fora do contexto escolar. Ainda assim, destacamos a turma do 9^o ano C, pois que, dos dezesseis (16) alunos presentes no dia da aplicação do questionário, apenas um (01) afirmou ter tido essa experiência. As turmas do 8^o ano E e 9^o ano B também apresentaram percentuais baixos, vinte e quatro por cento (24%) e vinte e três por cento (23%), respectivamente.

Da totalidade dos alunos participantes da pesquisa, a maioria, cento e quatorze (114), assinalou não ter assistido a peças de teatro fora do contexto escolar. Dentre aqueles que assinalaram a opção “sim”, muitos disseram não se lembrar do nome da peça e alguns disseram ter assistido, não especificando o título, por exemplo: QA: 073 “Uma peça de atores da globo o nome da peça não lembro”.

É significativo destacar o fato de que alguns alunos registraram o nome do teatro da cidade, retomando em suas respostas não o título da peça teatral, mas o espaço físico (a casa de espetáculos) em que ocorreu a apresentação: QA: 074 – “No teatro Calil Haddad”, QA: 079 – “No Calil Haddad de Maringá”, QA – 139 – “Uma peça de comédia no Teatro Marista” e QA: 163 – “Eu já vi um teatro no Calil Haddad só que não me lembro da peça porque já faz anos que eu vi”.

No campo destinado à complementação da resposta, alguns alunos recuperaram a tipologia das peças a que assistiram (circo, dança, musical), conforme comprovam os exemplos: QA: 121 – “Já fui em circo”, QA: 131 – “Uma peça de balé”, QA: 154 – “Um teatro musical”. E poucos retomaram o título da peça: QA: 016 – “Peter Pan”, QA: 025 – “João e o pé de feijão”, QA: 045 – “Alice no país das maravilhas”, QA: 057 – “Mágico de Oz”, QA: 094 – “A bela e a fera, chapeuzinho vermelho”, QA: 103 – “Hermanoteu (Os melhores do mundo)”, QA: 132 – “A árvore dos mamulengos” e QA: 149 – “O menino que ganhou uma boneca”.

Podemos observar esses dados do ponto de vista do teatro como um bem cultural. Sob essa perspectiva, ir ao teatro configura-se uma possibilidade de acesso a uma arte milenar, repleta de histórias de glórias e fracassos, múltiplas linguagens e mistérios, conforme destacou Peixoto (1986, p.7, grifo nosso),

O teatro inúmeras vezes parece uma expressão em crise. Em certas épocas quase perde o sentido. Em outras é perseguido. Às vezes refugia-se em pequenas salas escuras, às vezes sai para as ruas e redescobre a luz do sol. Sua função social tem sido constantemente redefinida. Desde muitos séculos antes de nossa era até hoje, nunca deixou de existir: há algum impulso no homem, desde seus primórdios, que necessita deste **instrumento de diversão e conhecimento, prazer e denúncia**.

Ir ao teatro constitui-se, ainda, uma ação cultural, conforme salienta Teixeira (2001). Para o autor, o teatro reúne em si todos ou a maioria dos elementos vitais à ação cultural, entendida como a criação de oportunidades



para o uso dos recursos pessoais em seu potencial mais amplo como modo de expressão e inteligência do mundo. Nesse sentido, segundo o autor (2001, p.88-89), “o teatro ainda vive mergulhado no sonho, ou ambição, de ser a arte total por excelência – e tem ampla razão nisso. Tudo pode ser conjugado em cena: dança, música, imagem em movimento ou estática, e também, numa outra esfera, o indivíduo e o grupo, o indivíduo no grupo”.

Na sociedade contemporânea, o teatro convive com o cinema e a televisão. Enquanto esses se instituem produtos concebidos e difundidos em larga escala industrial, aquele ainda depende do confronto vivo entre atores e espectadores, da execução artesanal de cada peça, não podendo ser reproduzido ou replicado como um filme ou um programa de TV. Corrobora essa afirmação, o posicionamento de Rosenfeld (1993, p.245), para quem, as indústrias culturais, sobretudo a televisão e o cinema, são uma concorrência poderosa, favorecida pelo fato de no Brasil, antes da expansão desses meios e artes, “não se ter constituído um amplo público habituado a frequentar teatros e por isso mesmo capaz de transmitir esse hábito em larga medida às próximas gerações”.

Nessa direção, destacamos o papel da escola como agente cultural, no sentido de fomentar atividades que propiciem aos alunos o diálogo com as várias formas de manifestação artística, a dança, a música, o grafite e, também, o teatro. Entendemos, assim, que o encontro entre palco e plateia pode ser mediado pela escola, seja pela divulgação dos espetáculos em cartaz na cidade ou pela sensibilização para o teatro no próprio espaço escolar.

Para dar continuidade a essa reflexão, selecionamos a Questão 02 que busca observar se os alunos participantes desta pesquisa assistiram a peças teatrais nas dependências da escola. Os resultados apresentam-se registrados no Gráfico 4, a seguir:

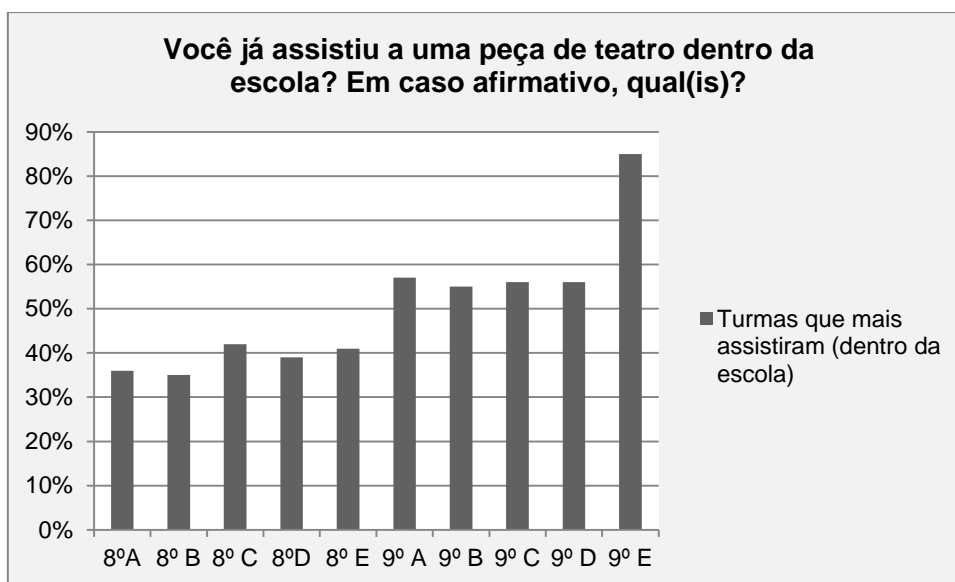


Gráfico 4 – Resultados da Questão 02

Os dados do Gráfico 4 revelam que a experiência em assistir peças teatrais dentro do espaço escolar é mais expressiva para os alunos dos 9^{os} anos. Com relação à totalidade dos alunos, oitenta e seis (86) disseram ter assistido e noventa e um (91) disseram não ter assistido. Esses resultados nos parecem bastante equilibrados para uma mesma escola em séries tão próximas. Podemos interpretar esses dados de duas maneiras: i) as apresentações teatrais no espaço escolar podem não ser realizadas para todos os alunos da escola ou ii) as apresentações teatrais podem ser realizadas em turnos distintos (manhã ou tarde), não atendendo, assim, todas as turmas mencionadas.

A maioria dos alunos que respondeu ter assistido a peças teatrais dentro da escola afirmou não se lembrar do nome do espetáculo. Outros, porém, indicaram algumas datas comemorativas que, de algum modo, recuperam a apresentação teatral que assistiram, conforme apontam os exemplos: QA: 041 – “Foi na festa junina”, QA: 061 – “Da Páscoa”, QA: 178 – “Teatro do dia das mães e dos pais, teatro da consciência negra e do Natal”. Alguns alunos optaram, ainda, por registrar os temas abordados, são eles, QA: 057 – “Teatro religioso”, QA: 095 – “Bullying”, QA: 111 – “Feira Cultural”, QA: 119 – “Educação Fiscal”, QA: 129 – “A maioria é quando os dentistas vem aqui e fazem um teatro explicando sobre os dentes”, QA: 133 – “Sobre a cultura da África”, QA: 139 – “Violência infantil”, QA: 147 – “Sobre a dengue”.

É possível afirmar, nesse sentido, que as peças teatrais apresentadas no Colégio Estadual Rodrigues Alves têm por foco datas comemorativas (Páscoa, Natal, Festa Junina, Dia dos Pais, das Mães, Dia da Consciência Negra) ou assuntos que envolvem sociedade, cultura, saúde e educação, por exemplo. Esse dado é significativo para pensarmos na versão escolar do texto dramático e, mais amplamente, na presença do teatro no contexto educacional, tendo em vista que ele se faz recorrente para atender determinadas finalidades escolares.



Dito de outro modo – e para compreender a versão escolar do texto dramático –, essa prática discursiva (apresentação teatral) parece estar relacionada a práticas escolares que buscam a socialização entre pais, alunos, professores e direção, e que podem ser viabilizadas, também, no formato de atividades que oportunizam atender ao calendário letivo (ênfase nas datas festivas, especialmente). Ou, ainda, tais práticas podem ser empregadas como meios de divulgação e circulação dos saberes multi ou transdisciplinares e, nestes casos, o teatro revela-se recurso pedagógico para discussão de temas socialmente relevantes.

Outras possibilidades são explicitadas nos exemplos: QA: 029 – “Do teatro que acontecia na escola aos sábados”, QA: 030 – “Quando os professores formam um grupo de teatro e depois apresentam na hora do recreio”, QA: 040 – “Na verdade eu fazia teatro aqui no colégio”. Esses dados parecem revelar a presença do teatro em atividades extracurriculares oferecidas, geralmente, no contraturno escolar.

A retomada dos dados até aqui apresentados permite-nos dizer que as possibilidades de recepção do texto dramático fora ou dentro do espaço escolar do Colégio Estadual Rodrigues Alves não envolveu os alunos de maneira significativa, pois a maioria afirma não ter assistido ou, se assistiu, afirma não se lembrar do nome da peça teatral.

No Brasil, Desgrandes (2009) discorre a respeito da pedagogia (ou formação) do espectador, tendo em vista a possibilidade de um duplo acesso do aluno ao teatro; segundo esse estudioso, não basta disponibilizar a ida à casa de espetáculos ou oportunizar o acesso ao teatro na escola, é preciso incitar o diálogo com a obra artística e o desejo pela experiência teatral. Nos termos do autor, propiciar aos alunos a compreensão do espetáculo não se reduz à discussão da trama, “mas se constitui de uma totalidade de signos, pois se possibilita a percepção da especificidade da arte teatral e a elaboração dos elementos semióticos presentes na encenação” (DESGRANDES, 2009, p.93).

Nessa direção, a pesquisa de Rosseto (2008) em torno da recepção no ensino do teatro parece contribuir para o entendimento da versão escolar do texto dramático, sob a ótica do aluno-espectador. Para o autor, são raras as oportunidades dos alunos de apreciarem teatro – quer isto envolva a ida a um teatro propriamente dito, quer se refira a apresentações no espaço escolar. Em ambas as alternativas, o autor constatou, por meio de entrevista com docentes de Arte do estado do Paraná, que a prontidão do aluno para a recepção do espetáculo teatral não é trabalhada, nem tampouco é discutida a experiência como espectador, após o espetáculo. Consequentemente, a reflexão de procedimentos que envolvem a montagem espetacular ou os níveis de compreensão e percepção sensoriais, estéticos, históricos aparece nas escolas “como atividade de menor importância” (ROSSETO, 2008, p.78).

O último item (d) a ser observado apresenta dados correspondentes às possibilidades de os alunos terem participado da produção de um teatro na escola.

d) Aluno-ator

Apresentamos a Questão 03 que buscou investigar a participação dos alunos em atividades teatrais nas disciplinas escolares. O Gráfico 5, a seguir, aponta os resultados:

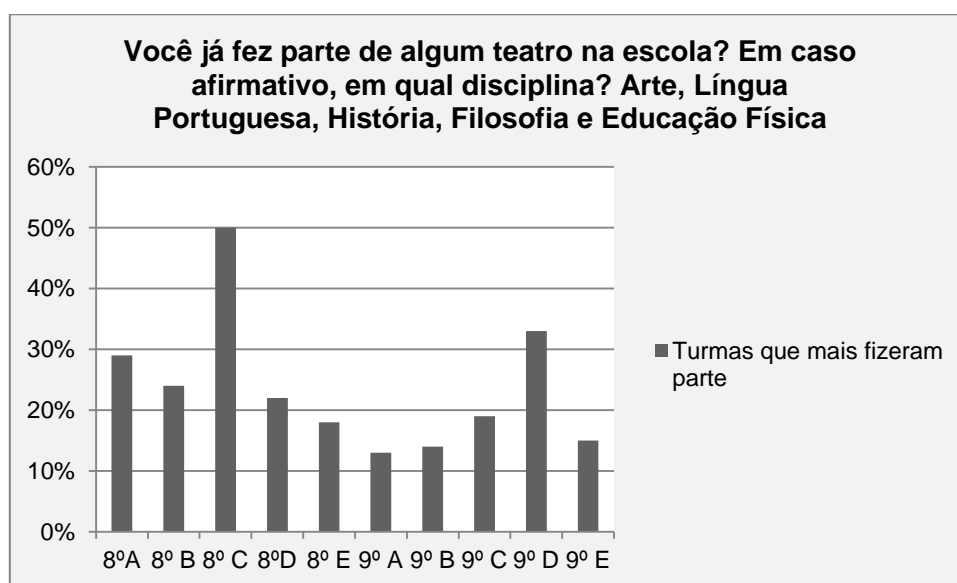


Gráfico 5 – Resultados da Questão 03

A recepção de peças teatrais já havia sido assinalada com percentuais baixos, se levarmos em conta a totalidade dos alunos que responderam ao questionário. Os dados apresentados no Gráfico 5 apontam para



percentuais ainda menores, como é o caso, por exemplo, dos alunos do 9º ano A – somente treze por cento (13%) disseram ter participado de peças teatrais.

Da totalidade dos alunos questionados, cento e setenta e sete (177), apenas trinta e nove (39) revelaram ter vivenciado a experiência de participar de algum teatro no contexto escolar. Com relação às disciplinas mencionadas como complementação da resposta, Arte foi assinalada como primeira opção, para catorze (14) alunos, na sequência, Educação Física, para sete (7) alunos e, por fim, Língua Portuguesa, para cinco (5) alunos.

A leitura desses resultados – em comparação aos resultados apontados nos itens (a), aluno-leitor, e (b), aluno-dramaturgo, – possibilita-nos afirmar que, em relação às disciplinas escolares, a produção oral (representação) do texto dramático parece associar-se às atividades propiciadas pelas disciplinas Arte e Educação Física; já à disciplina Língua Portuguesa seriam atribuídas atividades de leitura e escrita de peças teatrais. Em relação aos resultados apreendidos, é possível afirmar que texto e performance aparecem dissociadas nas disciplinas escolares. Poucos alunos do Colégio Estadual Rodrigues Alves tiveram a oportunidade de desenvolver atividades que envolvem a produção de um espetáculo teatral: atuar, produzir cenário, confeccionar figurinos/acessórios cênicos, divulgar a peça, executar os efeitos sonoros etc.

4 CONCLUSÃO

Pensar a escola como um agente cultural capaz de criar oportunidades de convivência e experimentação de práticas teatrais (ler, escrever, assistir, atuar) parece pertinente para a promoção de habilidades sociocomunicativas e para a interação entre os sujeitos. A nosso ver, o encontro entre atores e público merece ser vivenciado no contexto educacional, uma vez que o teatro se realiza nessa troca. Do mesmo modo, a leitura e a escrita de peças teatrais também podem ser atividades motivadoras na sala de aula, pois o texto dramático se constitui dinâmico e se constrói na relação com a modalidade oral da língua.

Em síntese, o conjunto de dados autoriza-nos a dizer que:

- i. Ler um texto dramático é prática mais comum que escrever, em ambos os casos, a disciplina Língua Portuguesa é apontada para tal.
- ii. A oportunidade de ser espectador de peças teatrais é maior que a de participar da montagem de um espetáculo teatral, neste último caso, a ocorrência dá-se nas disciplinas Arte e Educação Física.
- iii. As apresentações teatrais ocorrem, em sua maioria, para atender determinadas finalidades escolares: socialização entre pais, alunos, professores e direção, atendimento ao calendário letivo (datas festivas) e recurso pedagógico para discussão de temas socialmente relevantes.

Faz-se necessário ressaltar que se trata de uma amostragem do ensino de parte do estado do Paraná, que pode ser representativo do que ocorre em espaços de ensino no país, mas que não se pode generalizar, sendo necessária a expansão da pesquisa empírica para serem auferidos os resultados.

REFERÊNCIAS

CALZAVARA, Rosemari Bendlin. Encenar e ensinar o texto dramático na escola. *Revista Científica da FAP*. Curitiba, v.4, n.2, jul./dez., 2009, p.149-154.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANDES, Flávio. A posição do espectador: perspectivas pedagógicas. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (Orgs.). *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: UFU, 2009, p.85-93.

GRÉSILLON, Almuth. Nos limites da gênese: da escritura do texto de teatro à encenação. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, v.9, n.23, 1995, p.269-285.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PEIXOTO, Fernando. *O que é teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ROSENFELD, Anatol. *Prismas do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSSETO, Robson. O espectador e a relação do ensino do teatro com o teatro contemporâneo. In: *Revista Científica da FAP – Faculdade de Artes do Paraná*, v.3, jan./dez. 2008, p.69-84.



SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TEIXEIRA, Coelho. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. Trad. José Simões. São Paulo: Perspectiva, 2010.